

Rádio-Leituras

As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

Como citar este artigo: MELLO, Veridiana Pivetta de. As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 10-34, jan./jun. 2016.

As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello¹

Recebido em: 03 de abril de 2016.

Aprovado em: 11 de junho de 2016.

Resumo

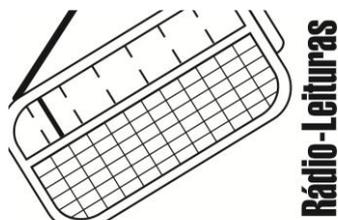
O presente estudo visa apresentar e conceituar o que se denomina de lógicas operantes que caracterizam o jornalismo eletrônico nos dias de hoje e que influenciam de forma importante a programação informativa de rádio. São três os fenômenos: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade da realidade. Como o próprio nome sugere as lógicas operantes são formas de funcionamento/organização das informações de atualidade no veículo. Como consequência destes fatores, ou, exatamente, por estabelecerem-se desta maneira observa-se uma fragmentação tanto do ponto de vista da produção e da transmissão da informação, quanto da recepção.

Palavras-chave: velocidade no jornalismo; fluxo informativo; temporalidade no rádio

Resumen

Este estudio tiene como objetivo presentar y conceptualizar lo que se llama la lógica operante que caracterizan el periodismo electrónico en estos días y que influyó significativamente en la programación informativa de radio. Hay tres fenómenos: la cultura de la velocidad, el concepto de flujo y la temporalidad múltiple de la realidad. Como su nombre indica las lógicas operativas son las formas de operación/organización de la información actual sobre el vehículo. Como resultado de estos

¹ Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFSM. Docente do curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul/RS. verimello@hotmail.com



factores, o, exactamente, estableciéndose de este modo se observa una fragmentación tanto del punto de vista de la producción y transmisión de la información, como de la recepción.

Palabras clave: Velocidad en el periodismo; flujo de información; Radio temporalidad

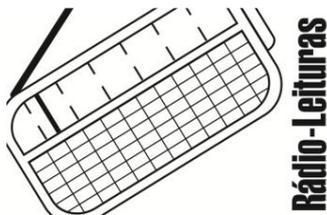
Abstract

This study aims to present and conceptualize what is called operant logic that characterize the electronic journalism these days and that significantly influence the radio informative programming. There are three phenomena: the speed culture, flow concept and multiple temporality of reality. As the name suggests the operative logics are forms of operation / organization of current information on the vehicle. As a result of these factors, or, exactly, by settling in this manner fragmentation is observed both from the point of view of production and of transmission of information as the reception.

Keywords: speed in journalism; information flow; temporality radio

A cultura da velocidade, a noção de fluxo e a múltipla temporalidade, abordadas neste artigo e, as três emissoras analisadas (*CBN* de São Paulo, *Gaúcha* de Porto Alegre e *Gazeta* de Santa Cruz do Sul/RS) constroem uma parte do quadro de análise e cruzamentos dos dados que vieram à tona no transcurso de um processo maior que foi o da tese de doutorado. A velocidade da apuração a recepção das notícias, o fluxo contínuo apresentado na sequência dos programas e a múltipla temporalidade para divulgar a realidade, estudados a seguir, são lógicas que operam na construção da programação informativa de rádio.

Este estudo utilizou três técnicas de pesquisa diferentes para recolher os dados que foram analisados. A primeira se baseou numa pesquisa de newsmaking (WOLF, 1995), através da observação participante. A observação das rotinas de produção da informação, dentro das redações, ocorreu num período de três dias, de quarta-feira a sexta-feira, nos turnos da manhã e tarde (das 7h às 19h). A segunda foram quatro entrevistas em profundidade (RICHARDSON, 1989) em cada emissora, com um



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

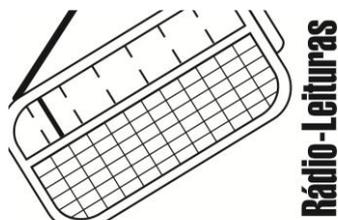
Veridiana Pivetta de Mello

responsável pelo setor gerencial e três pela produção jornalística (o chefe de jornalismo, um produtor e um âncora), para completar os dados da observação. Assim, se pôde explicar melhor como são executadas as práticas profissionais de produção e transmissão de informação e a influencia das formas gerenciais sobre essas rotinas.

A terceira técnica foi a gravação e audição sistemática de cinco horas da programação de cada uma das rádios, para identificar seus parâmetros de programação. A análise levou em conta a caracterização dos programas, sequência de apresentação, duração, gêneros jornalísticos presentes e tipos de informação – jornalismo, serviço, evento, entretenimento. A gravação para a análise correu no período dos três dias de observação, no horário das 7h às 12h da manhã, considerado por vários autores, como o período de maior audiência no rádio. A pesquisa de campo realizou-se nos dias 20, 21 e 22 de novembro (rádio *CBN*), nos dias 4, 5 e 6 de dezembro (rádio *Gazeta*) e nos dias 11, 12 e 13 de dezembro (rádio *Gaúcha*) do ano de 2013.

As três emissoras estudadas pertencem a grupos de comunicação hegemônicos em suas áreas de abrangência. Elas possuem ainda, de semelhança, modelos de programação consolidados no país. A *CBN* se denomina *all-news* e possui uma capilaridade nacional, com seus principais polos produtores de informação, no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. É a “principal rede de emissoras jornalísticas brasileira”, conforme Meditsch (2010, p. 224). A equipe de jornalistas da *CBN* é de 65 pessoas. A *Gaúcha* se intitula *talk-news* e tem sua produção centralizada no Rio Grande do Sul, embora tenha correspondentes em Brasília, atinge sete estados, através da *Rede Gaúcha Sat* – segunda maior do país² – mas seu público alvo são os gaúchos, mesmo que fora do estado. Foi 50 o número de funcionários, dedicados à produção informativa, encontrado na *Gaúcha*. Já a *Gazeta* é uma emissora de programação generalista (jornalismo, música e esporte) e, seu foco é o Vale do Rio Pardo e Taquari, região centro-serra do Rio Grande do Sul, mas sua base de produção é local, a cidade

² Conforme o site **Donos da Mídia**. Acesso através do endereço <http://donosdamidia.com.br/redes/radio>.

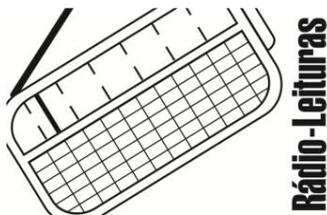


de Santa Cruz do Sul. A rádio tem oito profissionais que conseguem fazer cinco horas e meia de programação jornalística diária.

Cultura da Velocidade

A velocidade é um paradigma do jornalismo contemporâneo. Tudo tem que ser apresentado rápido e em tempo real, o importante é chegar na frente. Segundo Marcondes Filho (2002, p. 81), a “lógica da velocidade se refere tanto à rapidez com que cada emissora traz um fato ao público quanto ao ritmo de apresentação das notícias.” O autor completa que um tema não é bom ou importante pela sua qualidade jornalística exatamente, mas se for apresentado antes que os outros. No que se refere ao ritmo de apresentação das notícias e programas, a velocidade também dita a estética e o conteúdo. Marcondes Filho (2002, p. 81) aponta que o ritmo rápido produz um “efeito de aceleração”, que exige minicenas, minirrelatos, sonoras curtas, “construindo narrativas rápidas e em tempo recorde.” A velocidade obriga ainda que todas as informações sejam superficiais. “A rapidez exige decisão instantânea, separação imediata do material, triagem de algumas informações básicas e emissão a ritmo de blitzkrieg”.

Da mesma forma, pode-se dizer que a cultura da velocidade, na contemporaneidade, caracteriza os setores da vida cotidiana das pessoas. Santos (1997, p. 147) aponta que esta é a “sociedade da informação”, que resulta de uma combinação entre as tecnologias digitais convergentes, a política neoliberal e os mercados globais. Conforme Santos (1997, p. 190) a época atual exige novos sistemas de conceitos e novos processos que ele denominou de meio técnico-científico-informacional, este é formado a partir da profunda interação da ciência com a técnica sob a égide do mercado e, também, dos objetos técnicos que tendem a ser “ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e localização, eles já surgem como informação: e [...] a energia principal de seu funcionamento é também a informação”. Assim, o autor assinala que “a



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação” (p. 191).

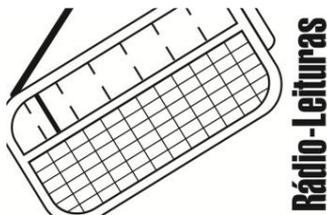
Neste contexto, Santos (1996) indica que a aceleração³ contemporânea é um destes períodos culminantes da história onde forças concentradas explodem para criar o novo. O autor explica que num primeiro momento os seres humanos podem se tornar adoradores da velocidade, como nas acelerações anteriores. Primeiro os que se espantaram com o surgimento da estrada de ferro e do navio a vapor e, depois com a invenção do automóvel, do avião, do telefone e do rádio. “A aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das ideias, mas, também, acrescentou novos itens à História” (SANTOS, 1996, p. 30). De acordo com o autor o principal item é a evolução do conhecimento, “maravilha do nosso tempo que ilumina ou ensombrece todas as facetas do acontecer” (p.30). Exatamente por este conhecimento adquirido a aceleração é um resultado do perecimento prematuro de sistemas de produção, da banalização da invenção, ou seja, as acelerações são superpostas, concomitantes. “Daí a sensação de um presente que foge”, completa Santos (1996, p. 30).

Sendo assim, pode-se relacionar à informação jornalística de rádio a ideia de perecível e banal da aceleração, se vê este processo nas notícias que duram apenas um turno ou menos e não chegam a um dia porque, também foram coletadas rapidamente e sem tempo para a análise e, ainda, nas novidades tecnológicas de alta velocidade. O telefone celular é um bom exemplo, os avanços do aparelho ocorrem em escala exponencial, dando cada vez mais possibilidades de *fazer* ao jornalista, entretanto, também mais tarefas. Para Santos (1996, p. 31) o efêmero não é uma criação exclusiva da velocidade, mas também a forma como a mídia engendra a velocidade, “um arranjo deliberadamente destinado a impedir que se imponha a ideia de duração e a lógica da sucessão”.

³ Santos (1996) utiliza o termo aceleração de forma mais abrangente que o termo velocidade. Contudo, serão usado, nesta pesquisa, os termos como sinônimo.

Neste contexto, Martín-Barbero (2004, p. 266) indica que o tempo é elemento fundamental desde que a modernidade introduziu “o *valor-tempo* tanto na aceleração do ritmo dos processos econômicos como no da inovação técnica e estética, pondo em marcha uma contração central: a aceleração da novidade acelera também a própria obsolescência do novo”. Assim, a compressão tempo-espaço acelera o ritmo da vida ao mesmo tempo em que apaga limites e barreiras espaciais. Para o autor a diversidade de técnicas existentes é aceleradamente substituída por uma mundialização da tecnologia, por uma necessidade de se tornar global. Mas a aceleração atual é enganosa, adverte Martín-Barbero (2004, p. 262), pois encobre o longo processo da revolução industrial, passando pela cibernética até a revolução digital. Sendo assim, é a “rapidez de sua difusão que nos coloca em uma situação nova, caracterizada por dois traços: a ausência de vínculo entre tecnologia e heranças culturais, [...] e num segundo lugar a sua forte incidência na divisão internacional do trabalho [...]”. Ou seja, a tecnologia não se instala numa região para atender as demandas do local, apenas usa o lugar como caminho ao global, por outro lado, transforma as relações de produção e as relações centro/periferia ao rearticular a concentração de poder econômico.

Para Moretzsohn (2002) a velocidade é um fetiche. A autora explica que, na abordagem marxista, fetiche é quando o produto do trabalho assume a forma de mercadoria e passa a ter vida própria, a valer por si mesmo, escondendo a relação social que lhe originou. No caso do jornalismo, a velocidade “passa a ser o principal ‘valor notícia’: antes de tudo, importa chegar na frente do concorrente, e alimentar o sistema com dados novos, num continuum vertiginoso a pautar o trabalho nas grandes redações [...]” (MORETZSOHN, 2002, p. 12). De acordo com a autora quando mais oficial for uma afirmação, maior a possibilidade dela ser retratada pelos meios, assim ela ganhará credibilidade e mais oficial se tornará. Nessa rotina do trabalho do jornalista, o bom senso de investigar, de buscar o contraditório, a conversa de duplo sentido, tem pouco espaço. Conforme Moretzsohn (2002, p. 74) “as condições de trabalho, por seu lado, também impõem uma certa forma de ‘fabricar’ notícias, ao



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

levar o repórter a agir e pensar automaticamente de modo a economizar tempo e cumprir suas tarefas cotidianas no prazo”.

A velocidade é uma cultura jornalística em todos os aspectos das atividades profissionais. As informações devem ser colhidas e apresentadas sempre em tempo real. Assim, a velocidade se refere ao ritmo de apresentação das notícias e programas, como também dita a estética e o conteúdo, assinala Marcondes Filho (2002). Por outro lado, relaciona-se à informação jornalística de rádio a ideia de perecível e banal própria da aceleração, segundo Santos (1996). Vê-se este processo nas notícias que duram apenas um turno ou menos e não chegam a um dia, porque também foram coletadas rapidamente e sem tempo para a análise e, ainda, nas novidades tecnológicas de alta velocidade. O repórter multimídia proporcionado pela tecnologia é um aspecto que gerou também multitarefas para o profissional, aponta Moretzsohn (2002). O efêmero é uma criação da velocidade, mas também a forma como a mídia produz a velocidade, um modelo que não permite a ideia de duração e a lógica da sucessão.

Nessa rotina acelerada do trabalho do jornalista, a reflexão sobre a realidade tem pouco espaço conforme Moretzsohn (2002). Assim, as condições de trabalho, por seu lado, também impõem uma forma de fabricar notícias, ao levar o repórter a agir e pensar automaticamente de modo a economizar tempo e cumprir suas tarefas cotidianas no prazo. Nas emissoras se percebe bem isso na valorização das notícias de prestação de serviço que são automáticas e também produzidas em série.

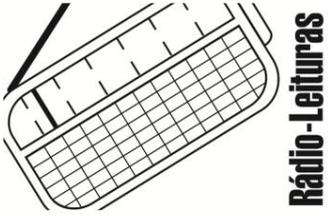
Com as novas tecnologias, os meios audiovisuais dão prioridade à transmissão direta porque representa o estado puro do imediato. No jornalismo a urgência é um valor preponderante, indica Reis (2011, p. 19). Deste modo, os valores-notícia da atualidade e novidade ganham ainda mais importância, “[...] a seleção dos acontecimentos acelera-se para acompanhar a velocidade da difusão da informação. Na produção o lema passou a ser o ‘dar depressa’, e na recepção o ‘saber a última’ a qualquer hora e em qualquer circunstância”. Informação e velocidade misturam-se de tal forma que se tornam sinônimo com todas as vantagens e desvantagens que isso

implica, salienta a autora. Reis (2011, p. 26) concorda com Moretzsohn (2002) quando diz que a fragmentação é uma realidade social contemporânea dominada pela “fruição/satisfação imediata, no presente do aqui e agora, e que, aliada à saturação da informação, conduz a uma avidez no consumo da informação, mas não necessariamente a sua assimilação”.

Neste contexto, os serviços ganham cada vez mais espaço em detrimento de uma programação reflexiva e, portanto, menos acelerada, pois a análise dos acontecimentos exige tempo. Conforme Marcondes Filho (2002, p. 30), vive-se a rapidez do jornalismo da era tecnológica, caracterizado pela precarização da atividade profissional e pela overdose informacional, ocorrendo “[...] a substituição do agente humano jornalista pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informação”.

Esse imediatismo pode ser percebido nas três emissoras pesquisadas através da construção de um discurso que pergunta ao repórter onde ele está naquele momento ou de onde ele fala naquele momento. Estes recursos produzem um sentido de velocidade à forma de transmissão das informações, pois colocam o ouvinte junto ao repórter no acontecimento. Fazer da instantaneidade a única forma de tratar a contemporaneidade é apenas o ponto de partida na atualidade, salienta Moretzsohn (2002). O ponto de chegada passa pelas condições de trabalho e a nova configuração do profissional multimídia e multitarefa exigido pelo mercado do tempo real. Nas três emissoras foi possível perceber a busca frenética do tempo real e também a nova configuração do profissional multitarefas, mesmo que de diferentes formas.

A análise mostrou que a cultura da velocidade está impregnada nas três emissoras pesquisadas. A noção de tempo real pode ser vista, constantemente, principalmente na *CBN* e na *Gaúcha*, e uma simulação de *ao vivo* da *Gazeta*. Com a apresentação do boletim ao vivo as rádios constroem essa ideia de velocidade, que tudo é transmitido no momento que ocorre. A duração das matérias e boletins em média de um minuto e meio a três também mostra a estética da velocidade e molda o



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

conteúdo, só o indispensável cabe neste tempo, então o jornalista o faz automaticamente, já que ele tem outras atividades multimídia para realizar.

A cultura da velocidade está presente nas três rádios estudadas em todos os âmbitos, da produção, da edição e da veiculação de conteúdos em tempo real ou não. Este processo de aceleração das atividades tem como objetivo demonstrar ao ouvinte que as emissoras estão em todos os lugares e em todos os momentos. Como isso não pode acontecer de fato, a velocidade é um valor em si, as estações correm atrás de uma velocidade que nunca será completamente alcançada.

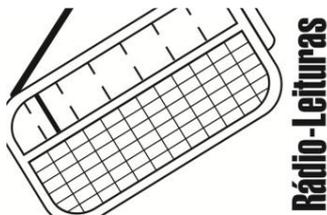
Noção de fluxo

A ideia de fluxo é um elemento que marca, profundamente, o jornalismo contemporâneo, especialmente, as mídias eletrônicas. Meditsch (1999) defende que a programação jornalística de rádio passou de uma lógica de programação, para uma lógica de fluxo. Isso quer dizer que a programação de rádio, com uma grade fixa, programas com horário marcado para começar e terminar, estruturados de uma forma linear, com começo-meio-fim, perde espaço. Emerge, então, uma programação de fluxo contínuo, estruturada de forma circular, ou seja, a passagem de gêneros e conteúdos se desloca ao longo do espaço de programação, “em torno de uma unidade de tempo que se repete infinitamente, conforme a lógica de um ponteiro de relógio,” assinala Meditsch (1999, p. 195). Ao destacar algumas características presentes na oferta contemporânea de conteúdos radiofônicos, Ferraretto (2010, p. 552), aponta também para uma sequência de programação em fluxo, nas palavras do autor, “a passagem de uma lógica da oferta a uma lógica da demanda”. Mesmo que esta demanda do ouvinte seja mais pré-suposta do que baseada em pesquisas de audiência. Ferraretto (2010), aponta que o receptor se libertou de algumas imposições do gosto médio, comum nos veículos de massa e, com as múltiplas possibilidades tecnológicas, ganhou mais autonomia.

Entretanto, cabe destacar, antes de prosseguir especificamente com a noção de fluxo da programação radiofônica, um contexto mais amplo na perspectiva de alguns autores. Santos (1997, p. 218) denomina a atualidade como imperativo da fluidez. Conforme o autor uma das características da atualidade é a exigência de fluidez para fazer circular ideias, mensagens, produtos ou dinheiro, que interessa aos atores hegemônicos. “A fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. Daí a busca voraz de ainda mais fluidez [...]. A fluidez é, ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado”. Os produtos, canais e até lugares são inventados para favorecer a fluidez. Se a fluidez caracteriza todas as coisas e lugares, na atualidade, também, o será na programação radiofônica: o produto informação se movimenta de forma circular e continua sem o conceito de fechamento da edição do dia.

Neste sentido, Martín-Barbero (2004, p. 288-289) também trata a ideia de fluxo como de importância fundamental para o modelo de comunicação que busca regular o caos urbano. Para o autor, vive-se na perspectiva do “[...] *paradigma informacional*, centrado no conceito de *fluxo*, entendido como tráfego não interrompido, interconexão transparente e circulação constante de veículos, pessoas e informação”. A preocupação não é “[...] que os cidadãos se encontrem, mas que circulem, porque já não os queremos reunidos, mas sim *conectados*”. Chama-se a atenção para a noção que Martín-Barbero (2004, p. 293) atribui à cidade e ao espaço urbano que é “[...] também um espaço de comunicação que conecta entre si seus diversos territórios e os conecta com o mundo”. Existe uma simetria entre a expansão da cidade e o crescimento dos meios e redes eletrônicas. Sendo assim, depreende-se que o autor trabalha com o conceito de fluxo como circulação e conexão, citando o rádio e a TV como meios de fluxo.

[...] é na TV ou no rádio que, cotidianamente, *nos conectamos* com o que, na cidade ‘em que vivemos’, sucede e nos diz respeito, por mais longe que estejamos de tudo: [...] Na cidade dos fluxos comunicativos, contam mais os processos que as coisas, a ubiqüidade



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

e instantaneidade da informação ou da decisão via telefone celular [...] (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 293-294).

Estes veículos são capazes de deixar o longe mais perto e, portanto, são dispositivos que podem romper o isolamento, com isso a tecnologia, também, tem fluidez. O fluxo tecnológico é o que mais circula e conecta, contudo, é o que gera os desequilíbrios urbanos. Conforme Martín-Barbero (2004, p. 302) a democratização introduzida pela tecnologia é apenas aparente, pois a cena social é constituída “[...] com pedaços, restos e lixo que boa parte da população arma os barracos onde vive, junta a xepa com que sobrevive e mescla os saberes com os quais enfrenta a opacidade urbana”. Para o autor (2004, p. 258) as ciências sociais precisam trabalhar com a noção que “os novos modos de simbolização e ritualização do laço social se acham a cada dia mais *entrelaçados* às redes comunicacionais e aos fluxos informacionais”. Em decorrência disso há um rompimento das fronteiras entre espaço e tempo que as redes e os fluxos constroem no campo da cultura, embaralhando “os saberes e deslegitimando suas fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, ciências e arte”.

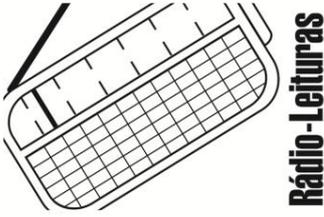
Para Castells (1999, p. 501), também, a sociedade está construída em torno de fluxos, que não são apenas um elemento da organização social, mas, da mesma forma, a expressão dos processos que dominam a vida econômica, política e simbólica. Assim, o espaço de fluxos é a organização das práticas sociais que funcionam como fluxos, essa forma material de suporte mantém os processos e atribuições dominantes na sociedade informacional. Fluxos, segundo o autor, são “[...] as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade”. Portanto, Castells (1999) corrobora com as ideias de Santos (1996) e Martín-Barbero (2004) sobre a importância do fluxo como circularidade, mas, também, como suporte para os processos e funções dominantes na sociedade.

Em relação à programação de fluxo do rádio informativo, Meditsch (1999, p. 187) aponta que ela é “capaz de falar sem parar, até 24 horas por dia, dissolvendo as

fronteiras delimitáveis com esta forma de enunciado sem começo nem fim”. Neste sentido, no formato *all-news* ou *talk-news*, o rádio faz um acordo tácito com o público que tem interesse em informação de atualidade. A emissora especializada “assume os valores profissionais do jornalismo como critério predominante na programação”, salienta o autor (1999, p. 188). Na atualidade, as estações dividem suas programações “[...] de notícias – antes concentradas num único ou em alguns poucos horários – em edições cada vez mais frequentes – a cada hora ou meia hora” explica Meditsch (1999, p. 192). Deste modo, a programação radiofônica sofre uma mudança em termos de estratégia discursiva, “um deslocamento significativo de um conceito de sequência como programação para um conceito de sequência como *fluxo*”. Essa transformação na programação é decorrente de uma mudança de comportamento da recepção que, na fase da multiplicidade da oferta, dispõe de muito mais opções de plataformas e conteúdos.

A lógica do agendamento de compromisso com hora marcada (o pegue agora ou largue para sempre) é substituído pela lógica da disponibilização permanente do enunciado sem começo nem fim (o pegue quando quiser), cedendo ao pólo da recepção o poder de determinar os limites temporais da comunicação. (MEDITSCH, 1999, p. 193)

Ferraretto (2013, p. 64), aponta que a maneira de fazer rádio, com transmissão em fluxo, é caracterizada por uma forma “[...] estruturada em uma emissão constante, em que se toma toda a programação como um grande programa, dividida em faixas bem definidas. As mudanças de uma para outra são calcadas na troca do âncora ou do comunicador do horário”. Segundo o autor desde o início dos anos 2000, este modelo tem sido utilizado por rádios do segmento jornalístico. “É o caso, por exemplo, das rádios BandNews e Bradesco Esportes, ambas ligadas ao Grupo Bandeirantes, de São Paulo”. A programação das rádios tende a se tornar muito parecida dentro dessa lógica. Ao se fazer a análise de algumas emissoras *all-news* (24h de jornalismo)



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

constata-se que termina um programa e começa outro sem que se tenha observado uma mudança no tipo de programa.

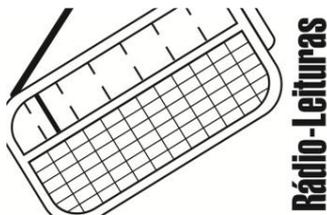
Outra consequência da lógica de fluxo, no rádio, é a repetição de notícias e serviços. Se é proposto ao ouvinte que ele ligue o rádio quando quiser, é necessário disponibilizar para este as informações de maneira cíclica, ou seja, de tempos em tempos as informações devem ser atualizadas e repetidas. “A rotação e a repetição desestruturam convenções de hierarquização de conteúdos importadas do jornalismo impresso”, deste modo, rompem o ordenamento do que deve vir primeiro e do que deve ficar para o final, observam Betti e Meditsch (2008, p. 06). A *BandNews FM*, especializada em jornalismo, deixa evidente em seu slogan a forma circular e fragmentada de sua programação: “*BandNews FM*, em 20 minutos, tudo pode mudar”. A frase afirma a proposta da emissora de oferecer uma síntese noticiosa das últimas notícias a cada intervalo de 20 minutos. Ouvindo a rádio, disponível em <http://www.bandrs.com.br/bandnews/>, o que se observa, no entanto, é que se tudo pode mudar, realmente nada muda em 20 minutos, pois a repetição das notícias é uma constante.

Betti e Meditsch (2008, p. 02) explicam que as rádios especializadas, em conteúdo jornalístico, são divididas em dois submodelos programáticos, as temáticas com segmento de programação e as de fórmula ou formato fechado, que embora com alguns diferenciais, expressam a ideia de uma nova sequência de programação informativa. Compreende-se, assim, que as rádios *talk-news* seriam classificadas como especializadas em segmentos de programação ajustadas aos fluxos de audiência, com uma sequência de programas de entrevista, de cultura, de esporte, radiojornais, de acordo com as demandas. E as rádios *all-news* seriam qualificadas como as de fórmula ou formato fechado, planejadas de maneira circular a partir da figura geométrica do *clock*, com seus noticiários transmitidos a cada período pré-determinado. Contudo, ao verificar as programações de rádios como a *CBN* de São Paulo que se denomina *all-news* e como a *Gaúcha* de Porto Alegre que se intitula *talk-news*, observa-se que as diferenças são muito sutis, mais baseadas em uma sequência de programas

diferenciados. Já a programação da *BandNews FM* é de formato fechado, planejada de forma circular bem ao modelo *all-news*.

Outro ponto importante a ser destacado nas emissoras de formato informativo é que suas rotinas de produção favorecem o fluxo contínuo. Toda rádio precisa organizar uma rotina de funcionamento para dar conta da produção das informações que preencherão a programação. Segundo Meditsch (1999, p. 93) para viabilizar a periodicidade das emissões “são montadas equipes permanentes com responsabilidade sobre cada horário, programa ou período de programação a ser ‘preenchido’”. O autor explica que as equipes irão apurar, produzir e divulgar as informações durante toda a programação, contudo, vai haver momentos de maior volume de conteúdo noticiável (final de manhã e tarde) e outros de menor (noite e madrugada), deste modo, os horários de trabalho também serão organizados conforme estes momentos. Com isso a emissora ganha em produtividade informativa (mais repórteres em horários de maior volume de acontecimentos) o que possibilita seu funcionamento nas 24 horas do dia.

Também neste sentido, a transmissão *ao vivo* é um elemento que beneficia o fluxo contínuo radiofônico. Um programa pode ser apresentado *ao vivo* à noite com notícias que foram gravadas à tarde. Assim, mantém-se a ideia de fluxo ininterrupto dos acontecimentos transmitidos. Fachine (2008, p. 28) problematiza a questão se referindo à televisão, mas pode ser utilizada para o rádio já que ambos têm a possibilidade do *ao vivo*. Segundo a autora, existe uma “[...] deliberada confusão que a TV constrói entre o que é e o que apenas parece estar sendo produzido no momento em que é transmitido”. Esta estratégia enunciativa utilizada no rádio e na televisão para dar a impressão do *ao vivo* contribui com a ideia de fluxo uma vez que toda a programação parece estar acontecendo no momento em que é transmitida. A construção do fluxo contínuo no rádio se dá tanto pela reiteração das informações (gravadas ou *ao vivo*) quando pelo estilo dos programas *ao vivo* que são muito parecidos uns dos outros.



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

A lógica de fluxo pode ser observada nas programações das emissoras de rádio, mostrando aspectos que marcam o tempo atual. Verifica-se a reprodução e a montagem no reaproveitamento de notícias, de boletins do repórter e de entrevistas (concedidas à emissora) que se transformam em notícia com sonora⁴. A ideia de movimento frenético se expressa na locução vibrante, no uso intensivo de vinhetas, trilhas, fundo musical e outros elementos sonoros, utilizados como estratégia para dar ritmo e *ares* de espetáculo à programação.

Segundo Meditsch (2010), o excesso de informação e a concorrência acirrada geram um descompromisso com o importante, e, o interesse pelo mundo se reduz ao imediatamente prazeroso, divertido e descartável. “A informação em tempo real é uma necessidade social num mundo que se move em alta velocidade de maneira cada vez mais interdependente” (MEDITSCH, 2010, p. 232). Considerando a tendência a espetacularização, no jornalismo atual, Meditsch (2010, p. 232) aponta que “o tempo real pode ser usado como um mero recurso de distração, ou mesmo como um disfarce para a falta de rigor, assim como também o pode o fluxo contínuo de informação nos meios eletrônicos”. Isso porque, tanto as transmissões ao vivo como a programação em fluxo, passam a impressão de que a emissora tem uma equipe de jornalismo capaz de produzir muitas informações, de forma ágil, fazer o acompanhamento do desenrolar dos acontecimentos e, ainda, na maioria das vezes, direto do palco da ação. Estas formas, de preencher o espaço de programação, levam ao acúmulo de trabalho do profissional jornalista, o que pode acarretar falta de rigor na apuração e de aprofundamento das informações transmitidas.

Martínez-Costa (2004) ao destacar como tendência da programação as rádios especializadas e as temáticas assinala, também, para a importância da noção de fluxo. Segundo a autora haverá uma substituição do conceito de grade de programação pelo

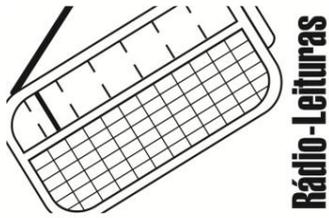
⁴ Segundo Prado (1989) é a notícia radiofônica onde alguns dos dados são fornecidos pela própria voz do protagonista dos fatos ou pela fonte. Com este recurso a notícia ganha em ritmo e pode incluir o cenário sonoro dos fatos. A sonora aumenta a sensação de participação do ouvinte no acontecimento e a notícia ganha em credibilidade e em exatidão, aponta o autor.

de fluxo temático de conteúdo contínuo. Martínez-Costa (2004) aponta as estratégias para a superação do modelo clássico de programação, entre as quais estão: o fluxo temático será o elemento que estruturará a programação; os formatos terão estrutura circular e repetitiva; os conteúdos serão projetados em torno dos centros de interesse (hiperespecialização); e os conteúdos de arquivo permitirão uma personalização parcial do consumo. Assim, a programação de fluxo de uma rádio informativa é capaz de falar sem parar, até 24 horas por dia.

Conceitualmente, as rádios *talk-news* podem ser classificadas como especializadas em segmentos de programação e, as rádios *all-news* são qualificadas como as de formato fechado. Contudo, ao verificar as programações de rádios como a *CBN* de São Paulo que se denomina *all-news* e como a *Gaúcha* de Porto Alegre que se intitula *talk-news*, observa-se que as diferenças são muito sutis, mais baseadas em uma sequência de programas diferenciados. Levando em conta esta concepção, pode-se dizer que a rádio *CBN* sai um tanto do formato fechado, planejada de forma circular como o funcionamento de um relógio e se aproxima da *Gaúcha* com seu conceito do *talk-news*.

Nas rádios observadas, a *CBN* e a *Gaúcha* reproduzem o conceito de fluxo, com muita repetição de informações e de gêneros ao longo da programação, como radiojornais e sínteses informativas. Na *Gazeta*, a ideia de fluxo contínuo existe através de um boletim de notícias e com repetições de conteúdo, mas não se pode classificá-la como lógica de fluxo em todos os momentos, pois tem uma boa parte da programação como generalista.

O que define a noção de fluxo nas rádios é a ideia de circularidade e repetição que faz desaparecer a importância e hierarquia das informações herdadas do jornalismo impresso e isso constrói outra lógica de apresentação das matérias. As rádios informativas *CBN* e a *Gaúcha* precisam gerar muito conteúdo para alimentar 24 horas por dia de programação e um tipo de informação fácil de colher e rápida de divulgar é a prestação de serviço que dá às emissoras a sequência de fluxo contínuo e de não fechamento. As repetições de serviços alimentam boa parte da programação



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

da *CBN* e *Gaúcha*. Já a *Gazeta* faz repetição de prestação de serviço, mas de forma muito menor.

Múltipla temporalidade

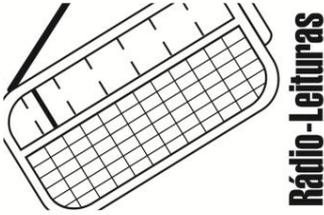
A dimensão temporal é um componente essencial do jornalismo e mesmo um fator de identidade. Segundo Meditsch (1999), a relação do jornalismo com o tempo se expressa, etimologicamente, (jornal-jornada, em português e diurnalis-diário, em latim) e, ainda, se caracteriza pela dupla contemporaneidade (relato atual de acontecimentos atuais). Neste sentido, Franciscato (2005) argumenta que o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais através da percepção coletiva dos dias de circulação dos jornais. O jornalismo constitui modos padronizados de produzir as notícias em larga escala, “sob determinados princípios e critérios, apoiados em suportes e organizações que se consolidam e operam coletivamente,” conforme Franciscato (2005, p. 101).

Para compreender a múltipla temporalidade se recorre a Santos (1997, p. 148) que aponta o computador como o símbolo deste momento histórico. “Através dele, são unificados os processos produtivos e tanto é possível adotar uma subdivisão extrema do tempo, como utilizá-lo de modo absolutamente rigoroso”. Segundo o autor é também por meio do computador que a noção de tempo real, torna-se realizável. “Graças, exatamente, à construção técnica e social desse tempo real é que vivemos uma instantaneidade percebida, uma simultaneidade dos instantes, uma convergência dos momentos”. O que constrói o tempo atual é a unicidade dos momentos, salienta Santos (1997, p. 157). O autor explica que isso não quer dizer que o tempo se unifica. “O que realmente se dá, nestes nossos dias, é a possibilidade de perceber a sua simultaneidade. [...] então, estamos presenciando uma convergência de momentos e sua unicidade se estabelece através das técnicas atuais de comunicação”. O autor salienta que esses momentos não são iguais, mas estão bem próximos, unidos por uma lógica em comum. Em outros períodos históricos havia simultaneidade dos eventos, contudo não havia condições técnicas de percebê-la.

Santos (1997) aponta, ainda, para outro aspecto que constitui o tempo e se expressa em dois termos opostos: a noção de um tempo rápido ao qual se antepõe um tempo lento. São quantidades relativas que fazem sentido em relação, ou seja, o tempo rápido somente o é em oposição ao tempo lento e vice-versa, contudo estas denominações não são absolutas, assinala Santos (1997). “E essa contabilidade do tempo vivido pelos homens, empresas e instituições será diferente de lugar para lugar. Não há, pois tempos absolutos. E, na verdade, os ‘tempos intermediários’ temperam o rigor das expressões tempo rápido e tempo lento” (p. 212-213). A estes desencontros do tempo o autor chama a atenção que a palavra correta seria temporalidade, “considerada como uma interpretação particular do tempo social por um grupo, ou por um indivíduo” (213). Neste contexto, situa-se a comunidade jornalística que também constrói uma temporalidade própria para dar conta da atualidade.

Para Franciscato (2005, p. 134) o jornalismo embute, no seu conteúdo e em seus estilos discursivos, que não existe um desalinhamento entre o tempo do mundo real e o tempo da produção jornalística e, portanto, que “está conseguindo ‘transportar’ o leitor para o ‘tempo do evento’”. Assim, a atualidade jornalística significa a permanência do vínculo entre o tempo do público e do evento, entre o que é simultâneo e o que é instantâneo, mesmo que às vezes o jornalismo tenha que recorrer a recursos simbólicos de construção discursiva do tempo presente, como, por exemplo, a utilização em jornais diários, de verbos no presente em títulos de matérias sobre acontecimentos ocorridos no dia anterior, salienta Franciscato (2005). Entretanto, essa simultaneidade não se dá sem tensão, pois é necessário torná-la inteligível e harmônica dentro do veículo. A simultaneidade é construída a partir de uma polifonia de vozes, que caracteriza a especificidade jornalística do conteúdo e estrutura textual. “Ambos estão ligados temporalmente ao ‘tempo do evento’, mas será o jornalismo, operando num esforço de construir um sentido de atualidade, que fará uma reformulação destes elementos”, completa Franciscato (2005, p. 135).

Uma das estratégias para colocar na cena midiática as informações é a co-temporalidade enunciativa, assinala Charaudeau (2006), pois há uma junção do



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

instante do surgimento do acontecimento, do instante da produção midiática, do instante da saída do produto midiático e do instante do consumo da notícia, que é o que define a atualidade do acontecimento, a partir de uma construção temporal que une múltiplos momentos da realidade. Sendo assim, a mídia não apresenta uma única temporalidade, mas uma multiplicidade de tempos, construídos de formas diferentes, levando em consideração os gêneros produzidos e os suportes utilizados. Desse modo, o jornalismo fragmenta a experiência temporal para adequá-la à sua rotina produtiva, pois seria praticamente impossível transmitir os acontecimentos sem esta estratégia.

O controle do tempo para dar conta da atividade jornalística também é abordado por Traquina (2001, p. 120). O autor destaca que ser um bom profissional é não ser vítima do tempo, mas conquistador desse, “*ser profissional* é também uma questão de sentir certas coisas, de ‘pôr a velha adrenalina a correr’”, referindo-se a excitação com a pressão das horas de fechamento. Traquina (2001) aponta que ser obcecado pelo tempo é também ser profissional, pois isso seria uma característica própria dessa carreira. O autor assinala que a relação com o tempo é um valor e interfere na sua visão de mundo. “Os conceitos de tempo utilizados pelos jornalistas no curso da produção jornalística são de importância primordial na sua cultura profissional, pondo a sua marca altamente distinta na sua abordagem à realidade social” (TRAQUINA, 2001, p. 121). Embora a temporalidade jornalística seja estabelecida pelos veículos, o jornalista incorpora isso no seu modo de ver, de falar e de agir dentro da comunidade profissional.

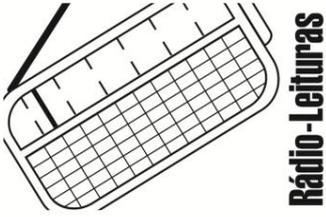
A cobertura de fatos jornalísticos em tempo real, especialmente quando utiliza o padrão de transmissão *ao vivo*, produz uma nova experiência de temporalidade. Conforme aponta Franciscato (2005, p. 240), “[...] não é apenas uma tecnologia de transmissão, mas um novo contrato de sentido ou modo de interação, em que evento, jornalista e público agem em simultaneidade”. Nota-se que a programação radiojornalística constrói uma múltipla temporalidade da realidade e a presentificação do tempo. Estas são estratégias discursivas próprias do jornalismo, mas nas mídias eletrônicas, como o rádio e a televisão, isso fica mais evidente, pois as transmissões *ao*

vivo fragmentam não só o acontecimento, mas, também a sua temporalidade, tornando-a múltipla, no sentido da experiência social, e, ao mesmo tempo presentificada, pelas técnicas jornalísticas de produção e transmissão.

Também Fachine (2008, p. 26), se referindo à televisão, considera o *ao vivo* como tempo presente. Para a autora a transmissão direta é primeiro de tudo um fato técnico. “Trata-se de uma operação que permite a produção, a transmissão e a recepção de um programa de modo simultâneo”. Mas não é apenas técnico, sua abordagem mostra que o *ao vivo* “é, essencialmente, um fenômeno semiótico: mais que de um procedimento técnico-operacional, a instauração do ‘ao vivo’ na TV depende do modo como os discursos se organizam para produzir determinados efeitos de sentido”. Isto quer dizer que mesmo quando o meio eletrônico não está fazendo esse tipo de transmissão, os programas que estão indo ao ar podem, através de diversas estratégias discursivas, simular que são *ao vivo*. Para tanto é necessário apenas que o programa pareça estar sendo exibido em tempo real. Essa simulação é utilizada tanto na televisão quanto no rádio para produzir um sentido de participação nos acontecimentos por parte do público, pois o veículo está dizendo que acompanha tudo o que acontece e no momento em que o fato está se dando.

Já Meditsch (1999) chama a atenção para a multitemporalidade do discurso radiofônico. O rádio foi o primeiro meio que institui a ideia de contemporaneidade no jornalismo, quer dizer, o que antes era periódico passa a ser simultâneo entre o texto enunciado e o receptor. Assim, o rádio e a televisão se diferenciam da imprensa ao instaurar sua condição *ao vivo* “[...] que provoca um forte efeito de realidade e, através dele, a empatia do público”, aponta Meditsch (1999, p. 202). O autor ressalta, ainda, a importância do diferido (que é dificilmente explicitada) no rádio *ao vivo*, do que se instaura um “paradoxo: o rádio faz *ao vivo* um discurso predominantemente diferido” (p. 203).

A multitemporalidade do discurso no rádio é constituída por quatro graus de *ao vivo*, conforme Meditsch (1999, p. 203). O primeiro grau de *ao vivo* é a simultaneidade entre o que está sendo transmitido e a recepção. É uma característica inerente ao



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

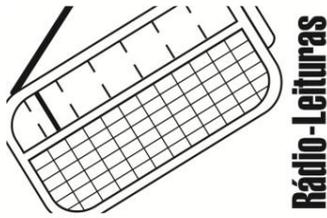
veículo. O autor explica que a condição simultânea entre a enunciação e o público não quer dizer “necessariamente a simultaneidade entre o tempo de produção do enunciado e sua enunciação. Pelo contrário, o enunciado pode ter sido produzido antecipadamente, como no caso de um programa gravado”. O segundo grau de *ao vivo* coloca mais um elemento em simultaneidade que é a interpretação do locutor, ou seja, nesta forma o programa não foi gravado anteriormente e a apresentação do texto se dará diante do microfone, pois o *ao vivo* se intensifica de acordo com a forma de produção do enunciado, neste caso um texto escrito que será memorizado ou planejado anteriormente para ser interpretado no ar, assinala o autor. Assim, a linguagem no rádio não existe como “*dada*”, mas sim como “*dando-se*” no discurso, pois “[...] o rádio transmite sempre no presente individual de seu ouvinte e no presente social em que está inserido, ou seja, num contexto temporal compartilhado entre emissor e receptor: o tempo real” (MEDITSCH, 1999, p. 206).

Já o terceiro grau de *ao vivo* é, ainda, um nível intermediário que coloca em cena o imprevisto. Meditsch (1999, p. 207) explica que seria “aquele em que não apenas a interpretação viva é agregada a um conteúdo diferido, mas a própria elaboração do conteúdo é realizada simultaneamente à enunciação, com a utilização predominante do imprevisto sem planejamento prévio”. Este *ao vivo* em terceiro grau surge naqueles momentos em que apresentador e repórter, por exemplo, interagem em tempo real ou quando ocorre uma situação inesperada onde a emissora precisa dar a notícia com urgência. O autor aponta que o terceiro grau de *ao vivo* costuma ser apresentado como se fosse uma transmissão direta, mas ainda não é, pois falta mais um elemento. O *ao vivo* em quarto grau se distingue dos anteriores porque “é necessária a simultaneidade também do acontecimento relatado, completando a isocronia entre quatro tempos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção” (p. 207). O quarto grau de *ao vivo* é o mais alto possível, explica o autor e se aplica tanto as coberturas de acontecimentos previstos quanto aqueles inesperados.

Ao refletir sobre as alterações e possibilidades do rádio na internet, Reis (2011) resgata aspectos importantes que caracterizam a temporalidade no veículo tradicional. A primeira consideração da autora (2011, p. 14) é que a internet trouxe para os outros meios um conceito fundamental para o rádio o imediatismo e a instantaneidade, contudo, para este trouxe aquilo que não era possível antes: “a possibilidade de congelar o tempo e de se converter num imenso arquivo sonoro vivo. No ciberespaço os média partilham agora o mesmo tempo. A Internet colocou num mesmo nível a temporalidade dos média”, algo que era impensado nos suportes tradicionais. A partir disso se deu uma reconfiguração do tempo uma vez que o *ao vivo* e o gravado coexistem e convergem até não se distinguirem, reestruturando a própria ideia de tempo real, se é a de cada ouvinte, da rádio, de todo o público que ouve naquele momento ou do tempo marcado pelo relógio.

A internet inaugura uma nova concepção de temporalidade para o velho rádio, ressalta Reis (2011) já que possibilita a disponibilidade de conteúdos *online* onde a apresentação não se dá em fluxo contínuo e, portanto, não obriga que o ouvinte seja interpelado a todo o instante. Mas mesmo na internet a transmissão direta é preservada pela emissão hertziana que pode ser escutada na *web*. “A rádio hertziana continua a preservar a instantaneidade e a imediatez embora, agora, enfrente cada vez mais a concorrência direta dos média online” (p. 15). Contudo, o que está na *web* à disposição do usuário são as notícias que já foram para o ar, o que se ouve é a reprodução do que aconteceu e não do que está acontecendo. “A notícia de última hora continua reservada à emissão tradicional, assim como a notícia ou a declaração em exclusivo. Neste campo, a política editorial das empresas ainda continua a dar prioridade ao velho meio em detrimento da Internet” (Reis, 2011, p. 16).

Sabe-se que o ouvinte tem uma atenção que não é exclusiva e com duração limitada, salienta Reis (2011, 17). No intuito de prender a atenção do ouvinte a autora ressalta algumas estratégias do rádio tradicional que repercutem na noção de tempo cotidiano.



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

Para apelar à escuta e criar ritmo, o jornalismo radiofônico aposta na multiplicidade de vozes e gere o tempo. Por isso as emissoras têm tempos médios para a duração dos sons, das peças jornalísticas, ou até dos noticiários, dando azo à cultura do *soundbit* – quanto mais pequeno melhor –, muitas vezes caindo no exagero do som-relâmpago que é mais ilustrativo ou decorativo do que portador de uma mais-valia informativa.

Com estes e outros recursos os meios eletrônicos estruturam o tempo e o sentido de tempo da audiência. Eles se apropriam do tempo cotidiano: todos os instantes são transformados em programas planejados e rotinizados, de maneira “a preencherem todas as horas do dia em fluxo contínuo, para que saibamos que o dia está cheio: aconteceu, está a acontecer, vai acontecer – a fórmula do *teaser* radiofônico: a rádio devolve-nos a noção do *never ending story*” (REIS, 2011, p. 23).

O jornalismo embute, no seu conteúdo e em seus estilos discursivos, que não existe um desalinhamento entre o tempo do mundo real e o tempo da produção jornalística e, portanto, que está conseguindo transportar o receptor para o tempo do evento, conforme Franciscato (2005). Assim, a atualidade jornalística significa a permanência do vínculo entre o tempo do público e do evento. Mas como efetivamente este desalinho existe, as emissoras se utilizam de recursos simbólicos de transmissão, como o texto dito de improviso. Essa construção discursiva é o jornalismo operando um sentido de *ao vivo*.

Existe uma múltipla temporalidade no discurso das estações observadas que são construídas em vários níveis. As três emissoras possuem exemplos de construções de *ao vivo*, mas não se observou o quarto nível que é aquele em que os quatro tempos são sincrônicos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção, conforme se refere Meditsch (1999).

Deste modo, pode-se identificar a maior presença do *ao vivo* em segundo e terceiro grau nas emissoras pesquisadas, já que o primeiro sempre irá existir. Em segundo grau a emissora une a transmissão ao momento da recepção e também a interpretação do âncora, como por exemplo, a abertura de um programa que tem um roteiro pré-formulado e o locutor o interpreta para o ouvinte ou chama um repórter

que também irá interpretar seu texto. Em terceiro grau há mais um grau de simultaneidade, o locutor se utiliza do improviso ou mesmo o repórter fala de improviso seu texto. Então, tem-se o *ao vivo* em segundo grau quando há a interpretação do relato do locutor ou repórter e também há *ao vivo*, em terceiro grau, quando a produção do relato do locutor ou do repórter se dá de improviso ao microfone.

A característica que define a múltipla temporalidade nas emissoras é a descontextualização da informação. Se o *ao vivo* é o mais importante, então, é preciso fragmentar também o tempo para construir a ideia de tempo real. Como o tempo vivido é diferente do tempo das emissoras, organiza-se discursivamente uma multitemporalidade para resolver estas diferenças.

Referencias bibliográficas

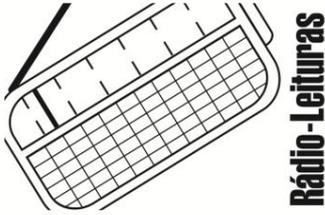
BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo. O formato *all-news* no rádio brasileiro: importação, estranhamento e adaptação. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. **VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Bernardo do Campo, 19 a 21 nov. 2008. Disponível em <http://sbpjour.kamotini.ghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coordenada3eduardomeditsch.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença**: uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das letras e das cores, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. Alterações no modelo comunicacional radiofônico: perspectivas de conteúdo em um cenário de convergência tecnológica e multiplicidade da oferta. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (Orgs). **E o rádio? : novos horizontes midiáticos**. Dados eletrônicos. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.



As lógicas operantes no rádio informativo: cultura da velocidade, noção de fluxo e múltipla temporalidade

Veridiana Pivetta de Mello

_____. O de lá e o de cá: apontamentos para uma categorização do conteúdo das emissoras comerciais brasileiras com base na influência do rádio dos Estados Unidos.

Significação - Revista da Cultura Audiovisual. São Paulo, n. 29, janeiro/junho 2013. Disponível em <http://www.usp.br/significacao/artigo.asp?C%F3digo=11>. Acesso em: 12 ago. 2013.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

MARCONDES Filho. Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. 2ª ed. São Paulo: Hacker, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar. Tendencias de la programación. In: MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar; MORENO, Elsa Morena (coords.) **Programación Radiofónica: arte y técnica del diálogo entre la radio y su audiencia**. Barcelona: Ariel, 2004.

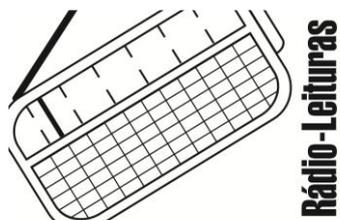
MEDITSCH, Eduardo. **A rádio na era da informação**. Coimbra: Minerva, 1999.

_____. A informação sonora na *Webemergência*: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco, CARVALHO, Juliano Maurício (orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

REIS, Isabel. A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. **Comunicação e Sociedade**, Braga, vol. 20, 2011. Disponível em <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/comsoc/article/view/879>. Acesso em: 02 set. 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.



Vol 7, Num 01
Edição Janeiro – Junho 2016
ISSN: 2179-6033
<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4ª ed. Lisboa: Presença, 1995.